

Povo da Estrutural não quer mudança

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

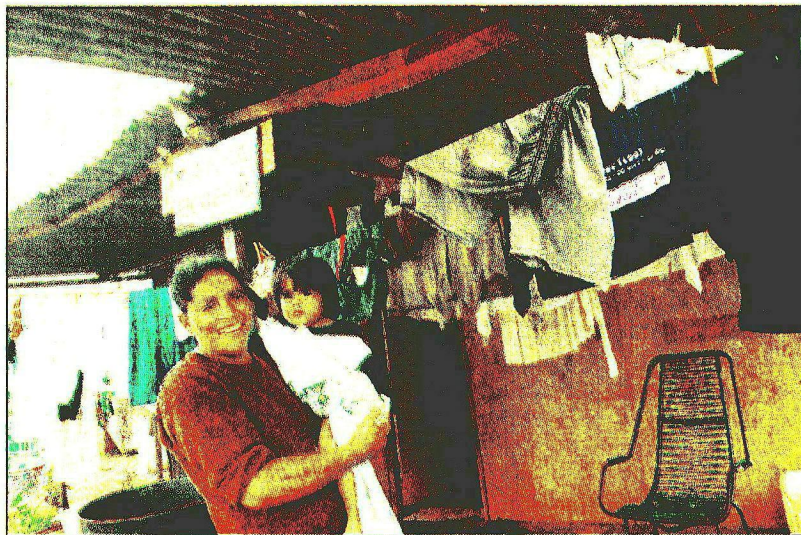
Eles tomaram amor pela invasão. Não querem abandoná-la de jeito nenhum. Atravessaram um governo todo brigando para ficar ali. As bandeiras ainda fincadas nos telhados de amianto e os pedaços de cartazes encardidos, pregados nas tábuas de madeirite dos barracos, revelam que votaram em massa no candidato Joaquim Roriz. Agora, sentem-se fortalecidos e também vitoriosos. E a paz, então, voltou a imperar na mais famosa invasão do Distrito Federal: a Estrutural.

Mas, no último mês, a insegurança começou a incomodar novamente. É que, com a onda de eliminação das invasões, os moradores da Estrutural temem ser os próximos da lista. Sabem que o governador Joaquim Roriz pretende tirá-los de lá e assentá-los em uma cidade do Distrito Federal. É tudo o que a maioria deles não quer. "Recanto das Emas fica difícil. Samambaia,

também. Me apaixonei pela invasão", diz o pedreiro Antônio Oliveira Neto, 42 anos.

"Aqui a gente vai de bicicleta e até a pé para o trabalho. Em 15 minutos chega lá. O que é bom para os empresários, que não precisam dar vale-transporte pra gente", explica o nordestino, que nasceu em Independência, no sertão do Ceará. "Tem quase três anos que estou na Estrutural. Já sofri o diabo, comi poeira, e tá tão *facim* (sic) fazer a Vila Operária aqui... É só ajeitar, colocar água e luz."

O governador Joaquim Roriz já anunciou que os invasores da Estrutural terão um tratamento diferenciado, assim como aqueles que moram no Acampamento da Telebrasil, às margens do Lago Paranoá, na Avenida das Nações. Mas a determinação do governo é uma só: remover as duas. "Não dá para afirmar nada ainda com relação à Estrutural. O governador evocou para si a responsabilidade dessa invasão", diz o subsecretário Her-



Os invasores se sentem bem no lugar e, para ficar, prometem usar o diálogo

man Barbosa, da Coordenação das Administrações Regionais (Sucar).

Não está definido, por exemplo, se todos os moradores da Estrutural receberão lotes. Mesmo aqueles que não têm oito anos no DF, novo tempo exigido pela política habitacional de Roriz. Seja como for, os

invasores resistem. Querem ficar no lugar, onde a qualidade de vida é nenhuma. Energia elétrica vem da rede de gambiarras que corta o céu da invasão. Água, só de caminhão-pipa. Ainda assim, os invasores se sentem bem no lugar. E prometem usar a mesma arma empregada

pelo governador eleito, na erradicação das invasões, para convencê-lo a deixá-los ali: o diálogo. Nem a falta de infra-estrutura é motivo de descrença. "As ruas de Samambaia, anos atrás, eram iguais a essas daqui", argumenta o pedreiro Antônio. "Só saíam daqui os aventureiros. Quem deu sangue pela Estrutural está aqui", diz Ismael Oliveira, secretário da Associação Pró-Criação da Vila Operária da Baixa Estrutural.

Eleitor de Roriz, ele não tem a menor dúvida de que terá seu apelo atendido. "Eu sou tanto azul (cor adotada por Joaquim Roriz na campanha eleitoral) que sei que não vou precisar lutar. Tenho certeza que a Estrutural vai ser uma belíssima cidade no ano 2 mil", acredita. "E você está convidada para a festa de inauguração. Deus é quem quer a Estrutural."

E para "conversar" com o governador, os invasores têm uma pauta de argumentos já pronta: o tempo e a história dos que estão lá, os votos

na eleição e a comodidade. A maioria dos invasores trabalha nas imediações da aérea, que fica às margens da via Estrutural, a meio caminho do Guará e de Taguatinga.

Algumas famílias sobrevivem do aterro do Lixão, que fez brotar os primeiros barracos, ainda no último governo Roriz. Catam latinhas e papelão para vender nas fábricas do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA). Descarregam cargas de caminhões na Ceasa e Setor de Cargas. E trabalham de caseiros ou lavradores nas chácaras da Colônia Vicente Pires.

Apesar do "tratamento diferenciado" que a Estrutural deve receber do governo, ela não foi alvo, nos últimos meses, de nenhum enxame de novos invasores. "O pessoal acha que nós somos bicho e não vêm pra cá", brinca Ismael Oliveira, secretário da associação de moradores da Estrutural. Calcula-se que há 2.750 famílias na Estrutural, mas ninguém tem certeza disso.